

Lucia Ceci

A Recepção da Mit Brennender Sorge na Itália



Lucia Ceci

A Recepção da Mit Brennender Sorge na Itália



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

A recepção de *Mit brennender Sorge* na Itália

O controle exercido sobre a imprensa por um regime ditatorial no poder há quinze anos, a aliança entre Roma e Berlim, a concomitância entre a publicação da encíclica alemã e daquela que condenava o comunismo: todas essas são razões evidentes pelas quais a publicação de *Mit brennender Sorge* praticamente não teve impacto na Itália. Porém, a análise das fontes permite, no entanto, reconstruir percursos significativos e em parte inéditos, dos quais este ensaio vai tratar. Trataremos primeiro das reações suscitadas pela publicação da encíclica nos meios governamentais, depois examinaremos as posições adotadas pela Esquerda italiana, antes de procurar, por fim, analisar as principais linhas que caracterizam a leitura de *Mit brennender Sorge* pelo catolicismo italiano.

I. Mediações e acomodações

A publicação de *Mit brennender Sorge* provocou uma reação imediata da diplomacia italiana. Ela coincidia, de fato, com os meses durante os quais se consolidava a aliança entre Roma e Berlim, engajados militar e ideologicamente lado a lado na guerra da Espanha. Se lembrarmos que a encíclica foi lida nas igrejas alemãs no dia 21 de março, o fato de que o embaixador italiano junto à Santa Sé, Bonifacio Pignatti, tenha, com dois dias de diferença, informado o ministro das Relações Exteriores Galeazzo Ciano que já havia tido contatos sobre o assunto do outro lado do Tibre¹, indica que a diplomacia e o governo italianos acompanharam a questão sem demora. Pelo canal do secretário de Estado Pacelli, a Santa Sé fez chegar ao governo italiano dois pedidos estritamente ligados um ao outro. O primeiro visava condicionar a interpretação de *Mit brennender Sorge* pela imprensa italiana, a fim de evitar que a encíclica fosse apresentada à opinião pública como um ato de acusação elaborado pelo pontífice contra o nazismo: “A Santa Sé, escrevia Pignatti a Ciano no dia 23 de março, não deseja que nos comentários da imprensa italiana se destaque que a carta

1 Ou seja, no Vaticano, situado em Roma do outro lado do rio em relação ao bairro governamental [NT].

pastoral reflete a oposição do Vaticano ao nazismo².” Ciano escreveu “Sim” no despacho, e no dia 24 de março, o chefe de gabinete Ottavio De Peppo anotou nele que já se havia “telefonado para a Imprensa³”. O outro pedido, por sua vez, equivalia a solicitar ao governo italiano que se empenhasse a favor da recomposição das relações entre o Vaticano e a Alemanha de Hitler. “A Santa Sé, declarou formalmente Pacelli ao embaixador Pignatti no dia 25 de março, não deseja a ruptura com o Reich”, e até pede para “ser ajudada neste momento para evitar uma ruptura e facilitar um acordo⁴”.

No primeiro front, os jornais interpretaram fielmente as indicações governamentais. Embora *L'Osservatore Romano* tivesse publicado *Mit brennender Sorge* em alemão e em italiano em sua edição de 22-23 de março de 1937⁵, os jornais italianos dedicaram à encíclica apenas breves notas, nas quais se destacava a natureza concordatária do conflito entre a Santa Sé e a Alemanha, sem fazer qualquer menção aos aspectos doutrinários e ideológicos. O *Corriere della Sera*, por exemplo, concedeu ao assunto apenas uma nota, que tinha por objetivo desmentir a ruptura das relações diplomáticas entre a Alemanha e a Santa Sé⁶. No mesmo dia, o *Messaggero* fez menção à publicação de *Mit brennender Sorge* em um artigo de algumas linhas⁷. Mais amplo, mas de qualquer forma também centrado na natureza concordatária da encíclica, o artigo de Giuseppe Piazza, “*O Papa e o Reich*”, publicado no diário *La Stampa* no dia 23 de março, portanto antes da intervenção do ministério das Relações Exteriores⁸. No que diz respeito às revistas, a única que publicou integralmente o texto de *Mit brennender Sorge* e que acompanhou o impacto da publicação da encíclica na Alemanha foi *Relazioni internazionali*, o quinzenal do *Istituto per gli Studi di Politica internazionale* (ISPI), que havia iniciado suas atividades em Milão apenas

2 Pignatti a Ciano, 23 de março de 1937: Documenti diplomatici italiani (doravante citados DDI), oitava série, vol. VI, Roma, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1997, p. 402, nota 2.

3 Ibid.

4 Pignatti a Ciano, 25 de março de 1937: ibid, p. 401.

5 «Encíclica acerca da situação da Igreja Católica no Reich germânico», *L'Osservatore Romano* (doravante citado OR), 22-23 de março de 1937.

6 «Atitudes da Alemanha não confirmadas», *Il Corriere della Sera*, 24 de março de 1937.

7 «A Encíclica sobre as condições da Igreja católica na Alemanha», *Il Messaggero*, 24 de março de 1937.

8 PIAZZA Giuseppe, «O Papa e o Reich», *La Stampa*, 23 de março de 1937.

três anos antes⁹. Naturalmente, todos os jornais concederam muito mais espaço a *Divini Redemptoris*, apresentada pela imprensa italiana como a encíclica contra o comunismo¹⁰.

No segundo front, o da solicitação de uma intervenção italiana em Berlim com vista a uma melhora nas relações entre o Vaticano e o Reich alemão, a Secretaria de Estado já havia dado um passo adiante duas semanas antes do lançamento da encíclica, por intermédio de Tacchi Venturi¹¹, que no dia 2 de março de 1937 havia relatado nestes termos a Pacelli um encontro que acabara de ter com Mussolini: “Quanto aos bons ofícios junto ao Führer para tentar induzi-lo a observar a Concordata que ele livremente subscreveu, como me havia rogado o eminentíssimo secretário de Estado, ele me disse que não havia nada ou não havia muito a esperar, fazendo-me entender ao mesmo tempo que não deixou de atuar nesse sentido. Mas por enquanto (se não me engano), persuadido como está da inutilidade da iniciativa, ele evita se expor a novos insucessos¹².” Em suma, as autoridades italianas, embora temessem que a crise aberta entre a Santa Sé e a Alemanha por *Mit brennender Sorge* pudesse posteriormente enfraquecer o consentimento, já fraco, da opinião pública à aliança ítalo-alemã, orientaram-se para uma mediação de “baixo perfil”, para não expor diretamente o governo a um fracasso político.

A preocupação de que a vontade de Hitler de desencadear um choque frontal com a Santa Sé acabasse por arrastar desonrosamente o governo italiano para o conflito não era, de fato, infundada. No dia 24 de março, por uma ordem do ministério da Propaganda do Reich, o Escritório Alemão de Censura Cinematográfica havia decidido cortar, no filme de Luis Trenker, *Condottieri*, fruto de uma colaboração ítalo-alemã, que retratava as peripécias da vida do condottiero Giovanni delle Bande Nere, “todas as cenas que pudessem destacar o poder espiritual do pontífice romano e o espírito religioso das populações” do Renascimento¹³. Fruto de

9 O bimensual publicou integralmente o texto de *Mit brennender Sorge* e de *Divini Redemptoris* em seu número de 27 de março de 1937 (Relazioni internazionali, III, 27 de março de 1937, p. 211-216).

10 Veja por exemplo «O Pontífice contra o comunismo», *Il Corriere della Sera*, 19 de março de 1937.

11 [NT: O Pe. Pietro Tacchi Venturi era um jesuíta que, desde 1922, servia de intermediário oficioso entre o Vaticano e Mussolini pessoalmente.]

12 Tacchi Venturi a Pacelli, 2 de março de 1937: AA.EE.SS., Italia, fasc. 551, fol. 38-39.

13 Magistrati a Ciano, 2 de abril de 1937: DDI, cit., p. 472-475.

uma ordem direta de Hitler, essa decisão criou um incidente diplomático entre os ministérios da Propaganda dos dois países do Eixo, que o filme justamente deveria celebrar. Todo o longa-metragem repousava sobre um paralelismo subliminar entre as empresas de Giovanni delle Bande Nere e as de Mussolini, mas a simetria atingia seu zênite na cena central, durante a qual Giovanni delle Bande Nere interrompia sua própria Marcha sobre Roma diante do trono pontifício e, em vez de assassinar o papa, Leão X, ajoelhava-se a seus pés para receber sua bênção, antes de desfilar, na cena seguinte, ao lado do papa, entre duas fileiras de soldados¹⁴.

“O caso *Condottieri*”, como dizem os arquivos do Minculpop¹, levou já no dia 16 de abril o chefe da direção geral da Cinematografia fascista, Luigi Freddi, ao escritório de Goebbels, no Ordenspalais de Berlim. “O Reich, explicou Goebbels a Freddi, não pode admitir que a Igreja, católica ou protestante, se situe acima do Estado ou contra ele. Nossa situação perante a Igreja é mais complexa do que é ou jamais foi na Itália, onde existe apenas uma religião e onde o conflito foi felizmente superado. Na Alemanha, temos um terço de católicos e dois terços de protestantes; eis por que a questão tem um aspecto mais complexo, e por que a ferida é mais profunda. [...] No momento, essa ferida está no ponto em que supura. Esperamos que uma cura completa possa vir em seguida, não sabemos quando. Com esses cortes, quisemos evitar colocar essa ferida diante dos olhos do público².”

Três dias depois, no dia 9 de abril, o núncio Borgongini-Duca encontrou-se com Ciano e fez um relato a Pacelli. No meio de considerações sobre o funeral civil de Pirandello em Agrigento e sobre a guerra civil espanhola, Ciano havia se oferecido como “intermediário entre a Santa Sé e a Alemanha, se se achasse a coisa oportuna para aplinar as dificuldades presentes, na medida em que ele era, de todos os italianos, o mais bem-visto em Berlim, e porque lhe constava, de outra parte, que Hitler e seu governo não tinham a intenção, salvo imponderáveis, de levar a luta até as últimas consequências³”. Três dias depois, no dia 9 de abril, o

14 Sobre o papel do cinema nas relações entre a Santa Sé e o regime fascista, veja DELLA MAGGIORE Gianluca, A Igreja e o cinema na Itália fascista. Reconquistas católicas, projetos totalitários, perspectivas globais (1922-1945), Doutorado em História e Ciências Filosófico-Sociais, orientador L. Ceci, Università degli Studi di Roma Tor Vergata, 2013/2014, p. 267-271.

núncio Borgongini-Duca encontrou-se com Ciano e fez um relato a Pacelli. No meio de considerações sobre o funeral civil de Pirandello em Agrigento e sobre a guerra civil espanhola, Ciano havia se oferecido como “intermediário entre a Santa Sé e a Alemanha, se se achasse a coisa oportuna para aplainar as dificuldades presentes, na medida em que ele era, de todos os italianos, o mais bem-visto em Berlim, e porque lhe constava, de outra parte, que Hitler e seu governo não tinham a intenção, salvo imponderáveis, de levar a luta até as últimas consequências³”.

Em realidade, o ministro já havia tomado um caminho que não expunha o governo italiano a grande risco: ele aceitara a proposta de Guido Manacorda de redigir uma carta pessoal para o chanceler alemão, que seria depois entregue, como de fato o foi, pelo próprio Ciano. Professor de língua e literatura alemãs nas universidades de Florença e Nápoles, Manacorda mostrara-se desde o primeiro momento um fervoroso católico fascista e pretendia fazer figura de conselheiro da Secretaria de Estado, enaltecendo os méritos de contatos diretos com Hitler¹⁵. A proposta de Manacorda ao ministro, entregue ao chefe de gabinete Lanza D’Ajeta, estava repleta de considerações sobre as posições de Pio XI, com o qual ele fazia profissão de manter relações estreitas, e que, embora desiludido, teria se dito “pronto não somente a ouvir mas ainda a negociar”, e teria mesmo pedido que se fizesse “saber em Berlim¹⁶”. Manacorda confiou também a Ciano algumas impressões que colhera de conversas com Pacelli e Pizzardo, que ele resumia em três pontos. Antes de tudo, Ratti aparecia agora como “um homem decadente e muito fatigado”, e, nas “antessalas vaticanas”, considerava-se seu fim muito próximo. E era a esse sentimento de uma morte iminente que se devia reportar a vontade do papa de “tomar posição diante da História frente ao comunismo e ao nazismo”. Todavia, e este era o segundo ponto, Pio XI teria estado pronto a lançar “negociações imediatas” com Hitler, porque perdera toda a confiança na possibilidade de um relaxamento da situação europeia. No último ponto, o único que foi destacado no relatório, a posição do papa sobre o nazismo era apresentada

15 [NT: ministério da Cultura Popular, equivalente fascista do ministério alemão do Esclarecimento Público e da Propaganda, dirigido por Goebbels].

16 Archivio Centrale dello Stato (doravante citado ACSI), Minculpop, Gabinetto, b. 95, fol. 3, Rapporti sulla situazione dell’industria cinematografica, abril de 1937.

como algo totalmente diferente de solitária nos meios da cúria, no interior dos quais, afirmava Manacorda, iam se fortalecendo “as tendências democráticas e esquerdizantes [...], que reforçavam todo especialmente pressões estrangeiras, com vista a um conclave iminente”. Esses meios, concluía ele, “são todos decididamente antinazistas¹⁷”.

A familiaridade com as câmaras vaticanas que Manacorda ostentava diante de Ciano é, não obstante, contradita pelas notas tomadas por Pacelli em suas folhas de audiências papais, que registram em substância a falta de consideração de Pio XI em seu endereço. Uma nota de 3 de abril o define como “um pouco suspeito”, e um daqueles “que creem poder ter um pé em cada campo, ao mesmo tempo que se pretendem um excelente católico”. Portanto, “como tantos outros, nada mais que um instrumento de observação e penetração¹⁸”. A carta de Manacorda, que propunha tratativas entre a Alemanha e a Santa Sé fora da via diplomática, e na qual referência explícita era feita à vontade de Pio XI e de Pacelli de abrir uma negociação com o governo do Reich, foi redigida e enviada no dia 20 de abril por Ciano com o visto de Mussolini¹⁹. Mas essa iniciativa não teve nenhuma consequência.

Dos documentos de arquivo até aqui mencionados, eclesiásticos ou estatais, não surge nenhum envolvimento direto de Mussolini, embora se saiba que ele suportava cada vez pior a guinada antinazista de Pio XI²⁰. Encontra-se, no entanto, o registro de uma alusão à questão na conversa que o Duce teve no dia 3 de maio com o ministro alemão das Relações Exteriores, Konstantin von Neurath. O conflito com as Igrejas Católica e Protestante na Alemanha, teria dito Mussolini ao ministro alemão, tinha efeitos desagradáveis sobre a opinião pública. Valia, portanto, a pena buscar um acordo sobre algumas bases: a política é a prerrogativa do Estado, a religião compete à Igreja; a educação dos jovens pertence ao Estado, no entanto a Igreja deve ter a possibilidade de dar a instrução religiosa. E Mussolini sugeriu aos altos escalões do governo alemão qual

17 ASV, Arch. Nunz. Italia, b. 24, fasc. 3, Relatório de Borgongini-Duca a Pacelli, 9 de abril de 1937, fol. 7-10.

18 Audiência de 3 de abril de 1937: AA.EE.SS., Stati ecclesiastici, pos. 430a, fasc. 354, fol. 37t.

19 Veja Ciano a Magistrati, Carta pessoal secreta, 20 de abril de 1937: DDI, cit., p. 603; e, a seguir, « O professor Manacorda ao chanceler do Reich Hitler », 20 de abril de 1937: *ibid*, p. 603-604.

20 Veja FATTORINI Emma, Pio XI, Hitler e Mussolini. A solidão do papa, Turim, Einaudi, 2007, p. 145 e seg.

era a melhor rota para resolver os conflitos com a Igreja, que haviam ocorrido na Itália também alguns anos antes: pequenos favores ao alto clero, como passagens de trem gratuitas, ou, ocasionalmente, isenções de impostos. Foi assim – ele teria concluído – que ele conquistou os bispos italianos a ponto de eles terem ido até declarar que a guerra da Etiópia era uma guerra santa²¹.

Certamente não era um quadro muito bonho da Igreja italiana. Essa intervenção de Mussolini, com todo o seu peso de cinismo e pragmatismo, constituiu, de qualquer forma, a última página do muito fraco esforço fornecido pelo governo italiano na crise aberta por *Mit brennender Sorge*.

21 «Mussolini, na entrevista de ontem, introduziu a questão da Igreja. Ele apontou o efeito prejudicial na opinião pública no exterior das desagradáveis disputas com as Igrejas Católica e Protestante na Alemanha. Se ele poderia ser permitido dar um pequeno conselho, seria chegar a um entendimento com a Igreja na seguinte base: A Política é de competência exclusiva do Estado; a religião é da província da Igreja. Não é necessário dizer que a educação da juventude é assunto do Estado. No entanto, deve ser dada à Igreja uma oportunidade de fornecer instrução religiosa nas escolas. Ele próprio tinha, após delicadas discussões com o Vaticano, chegado a um acordo nestes termos com bons resultados. Através de pequenos favores ao alto clero, por exemplo, passes de trem gratuitos, concessões fiscais ocasionais, etc., ele os tinha conquistado, de modo que eles até declararam a guerra na Abissínia uma guerra santa.», Memorando do Ministro das Relações Exteriores Barão von Neurath, 4 de maio de 1937, em *Documents on Foreign Policy*, Série D, p. 966-967.

II. As reações do antifascismo

1937 foi para a Esquerda italiana um *annus horribilis*, e os meses da primavera foram os mais duros: no alvorecer de 27 de abril, no dia seguinte ao bombardeio de Guernica, Antonio Gramsci morreu em Roma, após uma década de prisão em regime severo; no dia 9 de junho, em Bagnoles-de-l'Orne, outro representante de primeiro plano do antifascismo, Carlo Rosselli, foi morto ao mesmo tempo que seu irmão Nello pelos sicários da Cagoule. Nesse contexto, em que a marcha avante do fascismo parecia irresistível e que as vicissitudes espanholas pareciam preludiar uma reconstrução da Europa num sentido autoritário sob a *leadership* alemã¹, a publicação de *Divini Redemptoris* no mês de março foi percebida como o selo que o Vaticano apunha sobre o Eixo Roma-Berlim e sobre o pacto Anticomintern.

Ao longo dessas semanas, as informações sobre a propaganda anticomunista difundida pelo clero, pelos bispos e pelos dirigentes da Ação Católica, sobretudo com relação aos eventos da Espanha, afluíam cada vez mais numerosas ao topo do PCI. Todavia, no curso do verão, o grupo dirigente comunista percebeu, nas evoluções do mundo católico, uma possibilidade de ampliar as capacidades operativas da política de unidade de ação e de Frente Popular. Os fatores que pesaram nesse sentido foram diversos, e seu peso sofreu, nas avaliações comunistas, uma deformação profunda no sentido de uma forte amplificação: o apego à linha que se acreditava ter sido irreversivelmente fixada pelo VII congresso do Komintern, a política da mão estendida na França, os sinais positivos que pareciam emanar dos altos escalões do Vaticano diante da proposta dos comunistas franceses, mas também o aprofundamento da fratura entre a Santa Sé e o Reich².

1 Veja MAZOWER Mark, *As sombras da Europa. Democracias e totalitarismos no século XX*, Milão, Garzanti, 2005 (Londres, 1998), p. 147.

2 Veja ZUNINO Pier Giorgio, *A questão católica na esquerda italiana (1919-1939)*, Bolonha, Il Mulino, 1975, p. 456-462. Sobre a reação da Igreja de Pio XI diante da política da "mão estendida" aos católicos por Maurice Thorez, veja LEVANT Marie, « A "mão estendida", a Igreja de Pio XI e a Frente Popular », in FATTORINI Emma (ed.), *Diplomacia sem exércitos. As relações internacionais da Igreja de Pio XI*, Roma, Carocci, 2013, p. 179-200.

Pela primeira vez, por outro lado, a abertura do PCI não se dirigia apenas às massas católicas, mas estendia-se também às hierarquias vaticanas. Sobre essa abertura, todavia, *Mit brennender Sorge* não exerceu influência imediata, em razão de sua concomitância com a publicação de *Divini Redemptoris*. Mais ainda, em abril de 1937, nas páginas de *L'Unità*, o órgão do Partido Comunista da Itália que saía em edição clandestina, não somente a publicação de *Mit brennender Sorge* não foi de maneira alguma noticiada, como também *Divini Redemptoris* foi colocada no mesmo plano que os pactos anticomunistas assinados entre Roma, Berlim e Tóquio. Afirmou-se que ela fornecia uma legitimação à agressão armada do fascismo italiano e do alemão contra o povo espanhol: “A encíclica recente do papa, supostamente contra o comunismo, situa-se no mesmo plano que os supostos pactos anticomunistas concluídos entre Roma e Berlim e entre Berlim e Tóquio. Enquanto uma agressão armada é perpetrada pelo fascismo italiano e pelo alemão contra o povo espanhol, inclusive os católicos e os padres que lutam pela liberdade, o papa não somente se desencadeia contra aqueles que se defendem, mas incita os governos a partirem em luta contra eles e contra todos aqueles que são solidários com eles. Atrás dos agressores fascistas, está o capitalismo internacional, isto é, o inimigo encarniado do povo. O papa não declarou por diversas vezes que o capitalismo é a negação dos princípios cristãos? Defender-se contra o capitalismo e contra a reação não é, portanto, combater os princípios cristãos, mas ao contrário, combater contra sua negação. E nesse caso, por que o papa se coloca praticamente do lado do capitalismo³?” A conclusão era que, apesar disso, os católicos deviam “não se separar do resto do povo”, mas abraçar, na união, a causa da liberdade, da justiça e da paz⁴.

Em contrapartida, os círculos dirigentes do PCI atribuíram maior relevância à viagem de Pacelli à França no mês de julho. Em virtude de uma leitura política que retomava diretamente aquela que o governo francês havia proposto do episódio, a viagem do secretário de Estado foi apresentada como uma abertura concreta em direção à Frente Popular, e como o sinal de um curso antialemão por parte da Santa Sé. Entre o verão

3 «O Vaticano no Eixo Roma-Berlim», *L'Unità*, abril de 1937.

4 *Ibid.*

e o outono, ademais, *La Voce degli Italiani*, jornal antifascista publicado em Paris e dirigido por Giuseppe Di Vittorio, dedicou uma série de artigos às polémicas entre o Vaticano, o governo alemão e os órgãos de imprensa nazistas, transformando-se com isso em caixa de ressonância do conflito entre a Santa Sé e o Reich. Por uma interpretação um tanto forçada, o jornal definiu como uma “condenação do hitlerismo” a *Ingravescentibus Malis*⁵, a encíclica sobre o rosário publicada em 29 de setembro de 1937, na qual Pio XI, ainda que se referindo, por uma alusão evidente a Hitler, aos elementos neopagãos e estatolátricos de alguns “homens” do tempo presente, abria sua exposição citando *Divini Redemptoris* e denunciava o “mal” do comunismo ateu e suas “execráveis teorias”.

Por parte do grupo dirigente comunista, o objetivo perseguido permanecia em coerência com a linha seguida no passado: enfraquecer o bloco Igreja-fascismo⁶. Por outro lado, parecia aos chefes do PCI que no comportamento do Santo-Sé em relação ao nazismo podia-se identificar a criação de um vínculo indissolúvel entre liberdade religiosa e liberdade política⁷. Nesse sentido, pode-se ver na interpretação completamente ant Hitler da *Ingravescentibus Malis* um reconhecimento a posteriori da descontinuidade introduzida por Pio XI com *Mit brennender Sorge*. Essa linha seria confirmada por ocasião da morte de Pio XI, que *L’Unità* definirá em fevereiro de 1939 como “um grande papa”, que havia defendido “energicamente” a paz contra as ditaduras fascistas causadoras da guerra, e “dignamente” os princípios elementares do cristianismo contra a barbárie racista, e contra o sufocante totalitarismo fascista⁸.

A posição do Partido Socialista e de Justiça e Liberdade foi, em contrapartida, mais crítica. Ao dar notícia da publicação das três encíclicas, o *Nuovo Avanti*, órgão do PSI, afirmou que elas demonstravam claramente

5 «A condenação do hitlerismo em uma encíclica papal», *La Voce degli Italiani*, 1º de outubro de 1937.

6 Esta linha política seria reafirmada por Togliatti perante a Internacional comunista, da qual era vice-secretário geral e representante na Espanha, durante uma reunião que se realizou em Moscou em agosto de 1938. Veja TOGLIATTI Palmiro, «A situação econômica e política do regime fascista. Um inédito do 1938», in *Studi storici*, sob a dir. de EM.scione, 1, 2011, p. 19-92, especialmente p. 51-52.

7 Veja ZUNINO Pier Giorgio, op. cit., p. 464.

8 «A morte do papa», *L’Unità*, fevereiro de 1939. Para uma visão de conjunto sobre o balanço traçado pelos antifascistas do pontificado de Pio XI por ocasião de sua morte, veja ELLI Mauro, «Pio XI e a ação da Santa Sé na imprensa dos antifascistas italianos no exílio (1935-1939)», *Sociologia*, XL, 2, 2006, p. 3-26, especialmente p. 25-26.

de que lado batia o coração do Vaticano: enquanto as intervenções contra o comunismo faziam o jogo dos nazifascistas, no caso de *Mit brennender Sorge*, tratava-se apenas de questões concordatárias, e se chegaria rapidamente a um compromisso⁹. Quanto ao conflito religioso na Alemanha, o jornal destacava que ele havia sido querido exclusivamente pelo Reich e que encontrara o Vaticano numa posição de defensiva absoluta, incapaz de dar a menor credibilidade a seus protestos¹⁰. Essa linha manteve-se ao longo dos meses seguintes: basta recordar que, num artigo significativo até em seu título, “O papa capelão do fascismo”, publicado pelo jornal socialista no dia 3 de novembro de 1937, o próprio Pietro Nenni definiu como “perigosas ilusões gregas” as expectativas daqueles que imaginavam uma evolução antifascista da Santa Sé¹¹.

A posição de Justiça e Liberdade, que repousava sobre um pano de fundo ideológico de anticatolicismo mais assumido e, ao contrário do PSI, não visava preservar relações com o PCI, foi ainda mais polêmica. Quando se examinam os números da revista, a única referência, aliás negativa, que se encontra a *Mit brennender Sorge* está na edição de 31 de dezembro de 1937, em um artigo de Aldo Garosci durante o qual, dando ciência a seus leitores da mensagem de Natal do cardeal Verdier e do discurso de Pio XI de 15 de dezembro sobre a mão estendida, ele polemiza com os comunistas, atacando sua ilusão de encontrar um ponto de encontro com o Vaticano na luta contra o fascismo, quando o papa havia abertamente se associado à batalha anticomunista com as duas encíclicas *Divini Redemptoris* e *Firmissimam Constantiam*, e “os padres com sermões em todas as igrejas¹²”. Se ele tivesse realmente querido se distanciar do fascismo, afirmava Garosci, o papa deveria ter chamado as coisas pelos seus nomes: “O que aconteceria no mundo, se o papa resolvesse chamar as coisas pelos seus nomes? A guerra da Etiópia, uma agressão feroz contrária ao direito das gentes; o governo Mussolini, uma tirania; o Homem da

9 «A política do Vaticano e as encíclicas papais», *Il Nuovo Avanti*, 26 de março de 1937.

10 «Vaticano e nazismo», *Il Nuovo Avanti*, 19 de junho de 1937.

11 EMILIANI Pietro [pseudônimo de P. Nenni], «O Papa, capelão do fascismo», *Il Nuovo Avanti*, 3 de novembro de 1937.

12 Veja MAG. [Magrini, pseudônimo de A. Garosci], «Política vaticana e política fascista», *Giustizia e Libertà*, 31 de dezembro de 1937.

Providência, um ser vulgar e baixamente prazeroso; a morte de Carlo e Nello Rosselli, outro assassinato de Mussolini?¹³”

Nenhuma referência explícita era feita, portanto, à encíclica contra o nazismo. Até mesmo no balanço do pontificado de Pio XI, elaborado por Franco Venturi por ocasião de sua morte, a denúncia do nazismo e do racismo era definida como “uma tardia e inútil modificação de toda a sua ação de companheiro de rota do fascismo e da reação moderna¹⁴”.

13 Ibid.

14 Veja GIANFRANCHI [pseudônimo de F. Venturi], «Pio XI, o Fascismo, o Antifascismo e a Igreja», *Giustizia e Libertà*, 17 de fevereiro de 1939.

III. O mundo católico

A prosa produzida pela imprensa diocesana a propósito de *Mit brennender Sorge* foi estudada por Elena Mazzini em seu livro *Ostilità convergenti*. Ela distingue, em substância, quatro argumentações: uma série de comentários centrados no tema do caráter antecatólico do neopaganismo e do totalitarismo nazista, cujo racismo acaba por constituir uma parte integrante; o paralelo entre a ferocidade nazista e a ferocidade bolchevique; a restrição do alcance da encíclica ao plano jurídico-concordatário; a imputação à Alemanha da culpa de ter enfraquecido a luta contra o comunismo ao perseguir os católicos alemães e ao obrigar o papa a intervir¹. Esse quadro pode ser completado pela análise de outras revistas, representando outros meios do catolicismo italiano.

Uma primeira tendência, tão generalizada quanto evidente, consiste em silenciar ou minimizar *Mit brennender Sorge* e a questão alemã, dirigindo todos os holofotes para *Divini Redemptoris*, o comunismo internacional e a guerra da Espanha. Esse é o caso dos periódicos ligados à Universidade Católica do Sagrado Coração de Milão, *Vita e Pensiero*, *Rivista internazionale di Scienze sociali*, e *Rivista del Clero italiano*, que se concentram com abundância em *Divini Redemptoris*, a partir do axioma de que o “martírio da Espanha” havia revelado ao mundo “a que extremos podem chegar as multidões barbarizadas pela pregação comunista²”. Enquanto a *Rivista internazionale di Scienze sociali* não dedicou nenhuma reflexão a *Mit brennender Sorge*, *Vita e Pensiero* interveio sobre a encíclica apenas com um único artigo, assinado por Luigi Mietta. Ele estava inserido em um caderno aberto por um editorial de Agostino Gemelli intitulado “Cristo ou Barrabás? Meditando a encíclica *Mit brennender Sorge* de Sua Santidade Pio XI”, que enfraquecia desde o início a crítica do Reich alemão, apresentando-o de qualquer forma como

1 Veja MAZZINI Elena, *Hostilidades convergentes*. *Imprensa diocesana, racismo e antisemitismo na Itália fascista (1937-1939)*, Nápoles, Edizioni Scientifiche Italiane, 2013, p. 37-61.

2 Era o que se lia no editorial assinado pela redação, publicado no primeiro número de 1937 (*Vita e Pensiero*, XV, fasc. 1, p. 5-6). Sobre as posições da revista durante a guerra da Espanha, veja ALBÓNICO Aldo, «Do compromisso original ao alinhamento: os católicos milaneses e a “cruzada” na Espanha», in CAMPANINI Giorgio (ed.), *Os católicos italianos e a guerra da Espanha. Estudos e pesquisas*, prefácio de G. De Rosa, Bréscia, Morcelliana, 1987, p. 61-97.

um mal menor em comparação com a “maré montante” do comunismo³. E de fato Mietta, ainda que recordando a condenação do neopaganismo nazista contida em *Mit brennender Sorge*, reduzia a encíclica à questão das violações da concordata. A argumentação mais emblemática era, no entanto, guardada para a conclusão, onde se detalhavam as vantagens que uma reconciliação com a Igreja Católica teria apresentado para um fortalecimento da política de poder da Alemanha: “O esforço colossal ao qual o Reich se submeteu para o rearmamento e a autarquia econômica, a dificuldade das tratativas internacionais nas quais está engajado... são tantas razões que deveriam humanamente incitar os responsáveis pela política religiosa alemã a pesar seriamente os prós e os contras de uma ruptura, aberta ou latente, das relações com a Igreja Católica, e a ver, no reestabelecimento de uma verdadeira paz entre a Igreja e o Estado na Alemanha, paz que o soberano pontífice propõe, e da qual a encíclica indica as bases mais seguras, pelo retorno à letra e ao espírito da concordata, a melhor maneira de sair da trágica situação atual, gravemente danosa, em última análise, ao próprio Reich⁴.”

O artigo de Mietta saiu na edição de abril. Para encontrar uma intervenção refletida sobre a encíclica nas páginas de *La Civiltà cattolica*⁵, seria necessário, em contrapartida, esperar até 1º de maio, ou seja, mais de um mês após sua publicação. Na edição em questão, dava-se a tradução italiana do documento pontifício e uma análise do Pe. Antonio Messineo, que permanecia mais próximo do texto papal. O jesuíta recordava, certamente, a leitura concordatária, mas insistia também em outras perspectivas: a denúncia do caráter totalitário do nazismo, do racismo fundamentado no sangue e do neopaganismo, a afirmação da total incompatibilidade entre essas concepções e a religião católica: “O nacional-socialismo é apresentado e imposto ao povo alemão não somente como revolução política, mas sobretudo como concepção totalitária da vida e do mundo, na base da qual está o princípio racista, que a investe e informa por inteiro e determina suas opções ideais como suas atualizações

3 Veja GEMELLI Agostino, «Cristo ou Barrabás? Meditando a encíclica "Do comunismo ateu" de Sua Santidade Pio XI», *Vita e Pensiero*, XIII, nº 4, abril de 1937, p. 179-185.

4 MIETTA Luigi, «A Santa Sé e a Concordata do Reich», *ibid.*, p. 181-191, citação p. 191.

5 [NT: *La Civiltà cattolica* é o órgão romano dos jesuítas.]

práticas. Concepção intransigente, que pretende invadir o terreno religioso com o terreno político, e tende a se concretizar com todos os seus meios na forma do Estado totalitário racista, Moloc que devora todos os direitos da pessoa humana, e a se afirmar como religião única, obrigatória para quem quer que tenha sangue alemão⁶.”

Todavia, Messineo, em sua conclusão, referia esses desvios a “certas correntes extremistas” (Rosenberg, Ludendorff, Gerdmann, Feder, Dinter), e no fim das contas recuperava Adolf Hitler, que teria sido “arrastado” por essas correntes após haver demonstrado em matéria político-religiosa, até a assinatura da concordata, moderação e realismo⁷.

As intervenções a respeito de *Divini Redemptoris* são quase obsessivas na imprensa da Ação Católica, que fornece toda uma série de suportes diversos (planos de conferências sobre a encíclica, opúsculos) para sustentar o trabalho de oposição ao comunismo e aumentar a assistência religiosa aos operários⁸. A atenção por *Mit brennender Sorge* foi, em contrapartida, muito rara. Poder-se-ia fazer a hipótese de que ela era tida como mais distante do contexto italiano, mas tal argumento é desmentido pelo espaço mais amplo que foi atribuído à encíclica sobre o México. O que emerge é antes uma tendência a minimizar, a fazer passar despercebida ou a deformar a abrangência global de *Mit brennender Sorge*. Nada mais significativo a esse respeito do que a magra atenção que lhe foi prestada por Federico Alessandrini, na época jovem jornalista adjunto ao Escritório de Imprensa da Ação Católica (cujas sede estava desde 1931 no Vaticano), e redator de uma revista de imprensa diária que era enviada a Pacelli, ao substituto da Secretaria de Estado, ao secretário pessoal do papa e ao presidente da Ação Católica – mas que escrevia também em muitos órgãos

6 Veja MESSINEO Antonio, «A Via Dolorosa da Igreja na Alemanha», *La Civiltà Cattolica*, LXXXVIII, 1937, vol. 2, p. 217-230, citação p. 223.

7 *Idem*, p. 226.

8 Veja, entre muitos outros, BONI Geraldina, «Depois da encíclica sobre o comunismo: assistência religiosa aos operários», *L'Assistente ecclesiastico*, VII, maio de 1937, n° 5, p. 261-264; LEDIT Giuseppe, «A luta contra Deus do bolchevismo russo (Esquema de Conferência)», CIVARDI Luigi, «A Ação Católica e a defesa anticomunista (Esquema de Conferência)», *L'Assistente ecclesiastico*, VII, julho de 1937, n° 7, p. 396-399, e p. 399-410. Em maio, o Escritório central da Ação Católica publicou um «catecismo sobre o comunismo ateu», no qual, em cem pequenos capítulos, se ilustravam os erros do comunismo e a doutrina social da Igreja com trechos de *Divini Redemptoris*. Veja *Trevas de erro e luz da verdade: contra o comunismo ateu*, prefácio de E. Rosa, Roma, Anonima Romana Cattolica, 1937. Um resumo do opúsculo foi difundido nas páginas do «Bollettino Ufficiale della Azione Cattolica Italiana», XV, maio de 1937, n° 5, p. 208-209.

católicos. Ora, embora tivesse acompanhado em muitos artigos a difícil situação da Igreja na Alemanha, Alessandrini dedicou a *Mit brennender Sorge* apenas dois breves artigos, nos quais dava uma leitura minimizante e concordatária da encíclica⁹.

Mas em outros casos, a distorção era mais marcada. No número de março de *Gioventu italica*, o assistente da GIAC¹⁰, Mons. Federico Sargolini, negou resolutamente que a encíclica contivesse uma condenação do nacional-socialismo, e afirmou que, ao contrário, este, “como regime político”, “nada tinha a temer da Igreja romana”: “Alguns, no exterior, se apressaram em saudá-la como uma condenação do nacional-socialismo enquanto regime político; mas a Igreja, que não intervém sobre as questões políticas, deixa aos povos a liberdade de escolher a forma de governo que corresponde melhor à sua mentalidade e às suas aspirações; ela é indiferente às formas autoritárias ou democráticas; tudo o que a interessa é que o espírito cristão penetre e vivifique todas as instituições. Eis por que o nacional-socialismo, como regime político, nada tem a temer da parte da Igreja romana, a qual inclusive, após a ascensão de Hitler ao poder, concluiu uma concordata com o Reich¹¹”.

Nem uma palavra, por outro lado, sobre *Mit brennender Sorge* nas revistas destinadas ao clero, centradas como de costume nos ritmos litúrgicos e nas questões de confessionário. A única exceção é constituída pela *Rivista del Clero italiano*, na qual Amintore Fanfani esforçou-se por dar uma leitura das três encíclicas, omitindo, no entanto, tratar de *Mit brennender Sorge*¹².

Nessa paisagem esmagada pela propaganda italiana e condicionada pela incapacidade de exercer de forma autônoma sua própria inteligência crítica¹³, as exceções que se pode identificar não são numerosas. A

9 Veja GERMANICO [pseudônimo de F. Alessandrini], «As repercussões na Alemanha da Encíclica de Pio XI», *L'Avvenire d'Italia*, 30 de março de 1937; e «Racismo e comunismo», *L'Eco di Bergamo*, 27 de abril de 1937. Sobre F. Alessandrini, subdiretor, após a guerra, de *L'Osservatore Romano*, e sobre os artigos publicados durante esses anos, veja ALESSANDRINI Giorgio, *Federico Alessandrini. Santa Sé entre nazismo e crise espanhola (1933-1938)*, Introdução de R. Moro, Roma, Studium, 2015.

10 [NT: *Gioventù Italiana d'Azione Cattolica*, Ação Católica da Juventude.]

11 Veja SORGOLINI Federico, «Trilogia pontificia», *Gioventù Italica*, LVII, março de 1937, 3, p. 1-2.

12 Veja FANFANI Amintore, «O pensamento social de Pio XI», *Rivista del Clero Italiano*, XVIII, junho de 1937, n° 6, p. 309-313.

13 Sobre as características do catolicismo italiano durante os anos fascistas, permita-me remeter a CECI Lucia, *O interesse superior. O Vaticano e a Itália de Mussolini*, Roma-Bari, Laterza, 2013.

primeira é representada por um artigo de Mario Bendiscioli, “O racismo”, publicado no *Assistente ecclesiastico*, o órgão mensal do colégio de assistentes eclesiásticos da Ação Católica. Embora, como vimos, a atenção do periódico estivesse toda concentrada em *Divini Redemptoris*, em seu artigo Bendiscioli ofereceu uma leitura da encíclica alemã como uma clara tomada de posição contra o racismo dos “novos pagãos, blasfemadores do nome cristão”. Do racismo, o estudioso católico traçava, e denunciava, os motivos polêmicos, os aspectos doutrinários, as deduções religiosas, apontando como, no pós-guerra, “o racismo não [fora] outra coisa senão o antissemitismo”. Sua argumentação tendia a demonstrar que a matriz principal do choque em curso na Alemanha entre o Reich e a Igreja Católica, e o cerne da dimensão doutrinal de *Mit brennender Sorge*, residiam na incompatibilidade entre a perspectiva “universal” do catolicismo e a “revisão racista das instituições” realizada por um regime racista e neopagão. Em conclusão, afirmava Bendiscioli, a publicação simultânea das três encíclicas demonstrava que, para Pio XI, a política hitlerista e o comunismo constituíam ideologias “análogas, se não idênticas por seus perigos e por suas estruturas”: anticristãs por sua própria natureza, mesmo que uma se erguesse “em nome da raça”, em vez de “em nome da ditadura do proletariado¹⁴”.

A revista *La Scuola cattolica*, expressão da escola teológica do seminário arquiepiscopal de Milão, evitou também a obsessão anticomunista, e ofereceu uma leitura global das três encíclicas em três artigos: dois eram assinados por Dom Angelo Novelli, aos quais se acrescentou uma longa intervenção de Mons. Adriano Bernareggi, que reproduzia o texto de uma conferência dada em Florença em setembro por ocasião do segundo congresso do Movimento dos Diplomados Católicos, do qual o bispo de Bérgamo era o assistente eclesiástico. Nos três artigos, *Mit brennender Sorge* é compreendida e explicada como uma encíclica contra o racismo. “O sangue, perguntava retoricamente dom Novelli em seu artigo ‘As três encíclicas’ de abril de 1937, pode ser o único critério da moralidade dos seres humanos, a fonte única do direito, a norma da vida social? É somente por razões contingentes que o Racismo combate o

14 Veja BENDISCIOLI Mario, «O racismo», *L'Assistente ecclesiastico*, VII, julho de 1937, n° 7, p. 384-389.

catolicismo, e não em força da lógica fatal dos princípios ideais que os inspiram?” A resposta dada por Pio XI na encíclica, continuava ele, era clara e não deixava nada a desejar: “O racismo nega o Deus verdadeiro, pessoal, criador e legislador e remunerador dos atos humanos, do qual deriva e sobre o qual repousa a lei moral inscrita no coração de cada um, lei insubstituível, a única que distingue exatamente o mal do bem, a virtude do vício, e ao lado da qual o critério do sangue é arbitrário, insidioso, anti-humano!”¹⁵

Como Bendiscioli, Novelli colocava no mesmo plano de antíteses do catolicismo o racismo alemão e o comunismo, uma vez que ambos tiravam sua “origem e seu impulso de concepções pagãs, que subtraem o indivíduo e a história ao regime dos valores ideais e religiosos”¹⁶. Esse argumento era desenvolvido de maneira aprofundada por Mons. Bernareggi, que mostrava como a condenação do comunismo, do racismo e do laicismo contida nas três encíclicas tinha como alvo mais profundo as raízes da “imoralidade contemporânea”, característica desses três sistemas ideológicos: a negação de Cristo, a negação de Deus, a negação da “personalidade humana”¹⁷. Enfim, o último artigo de dom Novelli analisava o papel reservado à Ação Católica nas três encíclicas, voltando em particular sobre a importância da preparação espiritual e doutrinal, e sobre a necessidade de aumentar o apostolado leigo entre os trabalhadores, os estudantes, os professores¹⁸.

Se Sturzo, ainda que não falando em seus artigos de *Mit brennender Sorge*, convidou a ler *Divini Redemptoris* com *Quadragesimo Anno*¹⁹, De Gasperi, em *L'Illustrazione vaticana* de 1º e 16 de abril de 1937, afastou a interpretação jurídico-concordatária da encíclica e a definiu como “um documento de muito alta e de universal valor”, condenação “vigorosa” das componentes totalitárias, neopagãs e racistas do nazismo²⁰. Tratando do

15 NOVELLI Angelo, «As três encíclicas», *La Scuola Cattolica*, LXV, abril de 1937, n° 2, p. 121-129.

16 Ibid., p. 126.

17 BERNAREGGI Adriano, «As condições morais da sociedade nas encíclicas papais», *La Scuola Cattolica*, LXV, fasc. 5, outubro de 1937, p. 437-462.

18 NOVELLI Angelo, «As três encíclicas», *La Scuola Cattolica*, LXV, fasc. 3, junho de 1937, p. 241-247.

19 Veja STURZO Luigi, «Quadragesimo anno (1931) – Divini Redemptoris (1937)», *Il Lavoro*, Lugano, 18 de março de 1939, agora em seus *Miscellanea londinese*, vol. IV, (Anos 1937-1940), Bolonha, Zanichelli, 1974, p. 226-227.

20 O artigo foi publicado em 1º de abril de 1937 em *L'Illustrazione Vaticana*; pode-se lê-lo hoje em GASPERI Alcide (de), *Escritos de política internacional 1933-1938*, (vol. 2), apresentação de G. De Rosa, Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1981, p. 518-521.

impacto de *Mit brennender Sorge* na Alemanha, ele falou do controle policial imposto pelo Reich à imprensa alemã para limitar sua difusão, e interrogou-se sobre as consequências dessa “conspiração do silêncio” na “atmosfera turva e nebulosa” que reinava no país²¹.

Até que ponto os católicos italianos decidiram se opor a essa mesma conspiração na Itália? Muito pouco, sob o peso da censura do regime, da vontade da Secretaria de Estado, dos paradigmas, dos medos e das carências intelectuais herdados de uma duração mais longa, mas também, pelo menos em alguns casos, por autocensura. O caso de Dom Mazzolari é a esse respeito emblemático, cujo silêncio sobre *Mit brennender Sorge* é muito provavelmente explicado pela pesada intervenção da censura que já sofrera no dia 5 de março de 1937 o jornal *La Vita cattolica*, apreendido por ordem da prefeitura de Cremona por haver publicado na primeira página um artigo do pároco de Bozzolo sobre os católicos italianos e o comunismo²².

21 Na crônica bimensal publicada em *L'Illustrazione Vaticana* em 16 de abril de 1937, hoje em GASPERI Alcide (de), *Escritos de política internacional 1933-1938*, op. cit., p. 521-524.

22 O artigo «Os católicos italianos e o Comunismo», publicado em 28 de fevereiro de 1937 em *Il Nuovo Cittadino* de Gênova e em 5 de março em *La Vita Cattolica* de Cremona com o subtítulo «Uma visão objetiva e um programa de trabalho», se encontra hoje em MAZZOLARI Primo, *Diário*, III/B (1934-1937), sob a dir. de A. Bergamaschi, Bolonha, EDB, 2000, p. 381-388. O decreto de apreensão do semanário *La Vita Cattolica*, tomado pelo prefeito de Cremona e publicado, por sua injunção, na primeira página e no topo da coluna do número seguinte, é p. 388-389.

Conclusões

O termo mais adequado para definir o impacto de *Mit brennender Sorge* na Itália é talvez o de silêncio: silêncio querido pelos círculos dirigentes do Vaticano no dia seguinte à publicação da encíclica para circunscrever sua interpretação, silêncio imposto pelo governo à imprensa, silêncio observado pelos principais jornais católicos.

Ao mesmo tempo, a nervosidade do regime, as aberturas provenientes da ala comunista do antifascismo, e algumas vozes, certamente minoritárias, no seio do catolicismo italiano, demonstram que a vontade de Pio XI de denunciar não apenas o sorte da concordata com o Reich, mas o nazismo, foi clara ao menos para alguns. No curto prazo, viu-se que as escolhas que decorreram dessa tomada de consciência foram diversas. Estavam, porém, destinadas a conhecer em breve desenvolvimentos ulteriores diante de uma realidade cada vez mais polarizada e dramática: por causa da escalada da crise internacional, e da guerra mundial. Mas também, e este não foi o menor parâmetro, da ascensão ao trono de Pedro de um novo pontífice.